

Lute Como Quem Cuida: trânsitos e confluências das quentinhas da Cozinha Ocupação 9 de Julho (SP).

Keytyane Verônica da Silva MEDEIROS¹

Resumo:

Este artigo reflete sobre trechos etnográficos vivenciados junto à Cozinha Ocupação 9 de Julho, do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), em São Paulo, nos primeiros meses de 2023. O trabalho faz uso da observação participante e é derivado de uma dissertação que analisa práticas de trabalho, ajudas e cuidado na Cozinha com ênfase na iniciativa “Lute Como Quem Cuida”, voltada à produção e distribuição gratuita de marmitas para pessoas em situação de vulnerabilidade em comunidades parceiras. A iniciativa surgiu em 2020 como resposta à pandemia de Covid-19, mas sua realização revela as transformações no modo de existir da Cozinha. O trabalho parte da análise das categorias êmicas de “aliança” e “parceria” para delinear as práticas de cuidado e ajuda internas do MSTC e então estabelecer paralelos com as relações de ajudas da iniciativa Lute Como Quem Cuida com as comunidades parceiras. O objetivo a seguir é discutir dois trechos emblemáticos durante a entrega das refeições à luz das relações de confluência e transfluência, refletindo sobre a coexistência destas práticas com os viéses morais e normatizantes das práticas de “ajudas”. A análise revela que a distribuição das quentinhas gera elos que suspendem de forma temporária as divergências entre o movimento por moradia e as igrejas e lideranças comunitárias permitindo a emergência de redes de ajuda e imaginação política.

Palavras-chave: Ajudas. Confluências. Movimento Social.

1. Introdução

Este artigo apresenta um recorte de dois trechos etnográficos emblemáticos para pensar o cuidado como uma forma de análise, mais do que como um conjunto de práticas afetivas ou pré-determinadas (Bellacasa *et al*, 2023), observando a forma como as

¹ Mestre em Antropologia Social pelo pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/IFCH/Unicamp). e-mail: keyty.vs.medeiros@gmail.com

“ajudas” e a confluência (Santos, 2015) se apresentam nas redes de relações de movimentos e grupos sociais associados à iniciativa Lute Como Quem Cuida, realizada pela Ocupação 9 de Julho do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) localizada no bairro da Bela Vista, São Paulo.

Os trechos são úteis para levantar questionamentos sobre as relações estabelecidas pelo movimento com os agentes que integram sua rede política, demonstrando táticas e desdobramentos e oferecendo às Ciências Sociais relatos de uma temática sub-representada nos debates públicos sobre o cuidado (Habers *et al*, 2002).

Os trechos foram observados ao longo do trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2023, sendo parte de uma dissertação sobre a iniciativa “Lute Como Quem Cuida”, criada em 2020 como resposta à pandemia de Covid-19. O trabalho de campo foi dividido em três partes, a fim de acompanhar todas as etapas de produção das refeições produzidas pelo grupo e a sua distribuição pelos parceiros.

De maneira resumida, a Cozinha Ocupação 9 de Julho se constitui como um espaço cultural, fruto da articulação social e política estabelecida pelo coletivo artístico Aparelhamento e pelo MSTC em 2016, a partir de uma série de intervenções, ocupações e reivindicações diante do desmonte das políticas públicas e do fechamento do Ministério da Cultura (MinC) pelo presidente interino Michel Temer naquele ano.

A Cozinha está localizada no interior do edifício Ocupação 9 de Julho, no número 427 da Rua Álvaro de Carvalho, no centro de São Paulo, próximo a pontos nobres estratégicos como Avenida Consolação, Teatro Municipal e Vale do Anhangabaú, entre os bairros do Bela Vista e da Consolação. O edifício possui 14 andares, 11 andares destinados a moradia com 67 apartamentos e 8.300 m² espalhados entre terraços, pátio e fachada e abriga hoje cerca de 120 famílias. Construído no início do governo de Estado Novo de Getúlio Vargas, na década de 1940 e fazia parte do projeto de verticalização da cidade.

Na década de 1970 o edifício colossal foi esvaziado pelo Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) para se tornar a nova sede da repartição no Estado de São Paulo, o que nunca ocorreu. O edifício ficou abandonado por 46 anos (Piotto *et al.*, 2019) e passou por pelo menos quatro grandes ocupações por movimento por moradia, desde 1997. Após algumas ocupações, reintegrações e divergências internas, Dona Carmen Ferreira Silva, se tornou uma das lideranças do MSTC e em 2003, as famílias desocuparam o prédio com

a promessa do governo municipal de transformar o edifício em um conjunto habitacional. Após um incêndio por descaso público e mais algumas ocupações e desocupações, em 28 de outubro de 2016, em um Dia de Festa², o MSTC volta a ocupar o edifício. A ocupação atual data deste evento em 2016.

Em 2016, o MSTC se aproximou do coletivo artístico Aparelhamento, formado pela reunião de 167 artistas que realizaram uma exposição e leilão de obras de arte inéditas durante a ocupação do antigo prédio da FUNARTE no centro de São Paulo. A ocupação e o leilão eram estratégias políticas do grupo tanto para financiar as atividades culturais e cotidianas da ocupação quanto para postergar a reintegração de posse por parte da polícia. O objetivo era visibilizar o desmonte do MinC.

Após a venda das obras do leilão e a reintegração de posse, o coletivo Aparelhamento passou a apoiar mais de 50 ações artísticas em 7 estados de todo o país, o que chamou de “contragolpes”, que endossassem o grito de “Fora Temer” e a luta por “políticas públicas de apoio aos desfavorecidos, que visam a distribuição de renda, moradia digna e são contra práticas de violação dos direitos de qualquer segmento cultural, raça, etnia, nacionalidade, língua, classe, religião, sexo e orientação sexual” (APARELHAMENTO [...], 2021). Uma das ações financiadas foi a Galeria Reocupa, que acontece no porão do edifício, a Cozinha Ocupação 9 de Julho, além da oficina de arte, bordados, costura e marcenaria do MSTC.

Ao longo de 2017 e 2018, a Cozinha foi concebida, de forma confluyente (Bispo, 2015) entre Coletivo Aparelhamento e MSTC, para se tornar um projeto cultural que realizava os “Almoços Abertos” aos domingos. Naquele contexto, a Ocupação do MSTC abria as portas de sua cozinha coletiva e organizava as trabalhadoras/es do movimento para produzir as refeições mensais para visitantes e vizinhos do bairro, enquanto os membros do coletivo Aparelhamento indicavam chefs de cozinha para trabalhar voluntariamente com a equipe interna, além de produzir shows, debates, lançamentos de livros e outras atividades gratuitas no pátio da Ocupação. O objetivo era promover a troca de saberes entre chefs e equipe, além de promover diferentes culinárias regionais a cada encontro.

² “Dia de Festa” é como os integrantes dos movimentos por moradia chamam o dia em que ocupam um prédio abandonado pela primeira vez, o dia da entrada (Filadelfo, 2008, p.99)

E assim foi feito até que, em 2019, Janice Ferreira, conhecida como Preta Ferreira e Sidney Ferreira, filhos de Dona Carmen Silva e lideranças do MSTC foram acusados de extorsão e associação criminosa após o incêndio criminoso ocorrido no início de 2019 em uma ocupação irregular no centro de São Paulo. Além deles, outras duas lideranças do Movimento Moradia para Todos foram acusadas e presas naquele ano (SP PRENDE LÍDERES [...], 2019).

Preta Ferreira é cantora, compositora, atriz e multiartista. Logo a notícia de sua prisão se transformou em uma mobilização coletiva por meio da campanha #PretaLivre, frequentemente lembrada por ativistas em atos e manifestações públicas, sendo mencionada em entrevistas por importantes atores políticos do campo progressista na cidade de São Paulo, como Luiza Erundina (PSOL), Eduardo Suplicy (PT) e Guilherme Boulos (PSOL). A campanha também foi mobilizada por artistas e cineastas como Bia Ferreira, Johnny Hooker e Petra Costa que viam a prisão como uma forma de repressão do novo governo de extrema-direita às manifestações culturais e democráticas.

Naquele ano, as manifestações eram frequentes durante os Almoços Abertos mensais na Ocupação 9 de Julho, que continuaram acontecendo com a liderança das cozinheiras chefes. Após 109 dias de encarceramento, Preta Ferreira foi liberada via *habeas corpus*, sendo absolvida pela Justiça de São Paulo apenas em 2025 devido ausência de provas concretas (ONDE ESTÁ [...], 2019; JUSTIÇA DE SÃO PAULO INOCENTA [...], 2025). Os Almoços Abertos continuaram existindo, mensalmente, até o início de 2020, quando a pandemia de Covid-19 se instalou no Brasil, dando início a um longo período de isolamento social.

Entre os anos de 2017 a 2019, o trabalho das auxiliares, cozinheiras e equipe de segurança dos eventos dos Almoços Abertos era remunerado com o recurso das próprias refeições vendidas e o restante, formava o “caixa” do projeto, o que possibilitou o surgimento da iniciativa Lute Como Quem Cuida, abordada neste artigo.

2. A pandemia, as transformações da Cozinha e o Lute Como Quem Cuida

Logo após a pandemia de Covid-19 no Brasil, diversos trabalhos acadêmicos foram publicados abordando as inovações da sociedade civil para promoção de acesso a alimentos com o objetivo de fazer frente à crescente insegurança alimentar.

Os estudos levantavam tópicos como o crescimento das cozinhas solidárias, a formação de novas cozinhas comunitárias (Sordi, 2023; Lunardon, 2023), o surgimento de bancos de alimentos, restaurantes populares (Belik, 2023) e as transformações ocorridas em projetos eclesiais, assistencialistas e/ou voluntários (Sefras, 2022). Apesar disso, pouca ênfase foi dada à especificidade do trabalho das cozinhas coletivas ou comunitárias, como é o caso da Cozinha Ocupação 9 de Julho do MSTC.

Se em 2018, a Cozinha³ surge como um projeto cultural mensal e em 2019 se torna uma vitrine política para o movimento por moradia a partir da prisão de Preta Ferreira e das acusações contra as lideranças do MSTC, em 2020, ela transforma sua atuação para conter o crescimento da fome nas periferias da cidade de São Paulo. Com o início da pandemia, a Cozinha passou a utilizar os recursos do caixa dos anos anteriores para produzir as quentinhas doadas e, após 3 meses, passou a realizar uma campanha de financiamento coletivo via plataformas digitais para continuar promovendo a ação.

Nesta etapa da ação, chefs midiáticos eram convidados para serem voluntários e produzir refeições que eram vendidas por *delivery* na região próxima ao edifício. Ao comprar uma refeição por *delivery*, duas refeições idênticas eram entregues a pessoas em situação de vulnerabilidade social, em parceria com a Casa Verbo⁴.

Enquanto os noticiários retratavam os preços abusivos de itens básicos do dia a dia, como botijão de gás, arroz, feijão, óleo e carnes - chegando ao ponto de formar filas para receber doações de ossos - a Cozinha se voltava para a produção e a manutenção da vida, com seus recursos e com sua rede de ativismo e visibilidades. Além de atender às pessoas em vulnerabilidade social ao redor do edifício e na região central, a iniciativa também permitiu que as cozinheiras e auxiliares continuassem sendo remuneradas no contexto de crise econômica agravada pela crise sanitária, já que muitas delas trabalhavam no setor de serviços, ao longo de todo o período de isolamento social.

Com a reabertura da vida social, no final de 2021, a Cozinha gradualmente abre as portas para realizar os Almoços Abertos todos os domingos do mês, passando por mais

³ Aqui inicio uma diferenciação entre “cozinha” e “Cozinha” que vai nos acompanhar ao longo de todo o texto. Inspirada pelo trabalho do escritor russo Nikolai Gogol, que desloca o nariz (substantivo masculino) como parte do corpo e o transforma em o Nariz, substantivo masculino próprio, personagem de seu conto homônimo (1836 [2000]), me refiro à cozinha, como espaço físico equipado com pias, panelas, fogões e outros utensílios industriais e opto por usar Cozinha, com inicial maiúscula, para me referir ao grupo formado pela equipe, bem como fazer referências às suas atividades coletivas, Almoços, marmitas, quentinhas e etc.

⁴ A Casa Verbo é uma associação sem fins lucrativos que reúne a Plataforma Covid-19, formada pelo MSTC, pela Projetech (Projetos Técnicos e Sociais), editora Arq. Futuro, a Faculdade Insper, o Instituto BEI e Editora BEI, juntos desde 2020 quando articularam movimentos civis, institutos de pesquisa e órgãos públicos em ações de combate à pandemia. A Casa Verbo realiza atividades de distribuição de cestas básicas, produtos de higiene e marmitas junto à prefeitura de São Paulo.

uma transformação. Nesta fase, a Cozinha recebe novos chefs, artistas e apoiadores e passa a produzir cerca de 600 a 900 refeições por final de semana. Além destas, 300 refeições são destinadas ao projeto “Lute Como Quem Cuida”.

Neste novo formato, as refeições vendidas são “assinadas” por *chefs* de cozinha voluntários, convidados pelo movimento e produzidos pela equipe da Cozinha, atraindo um público fiel e engajado com os eventos culturais oferecidos, como shows, debates, feiras de economia solidária, festas de datas comemorativas como Dia das Crianças ou Dia do Trabalhador, além de receber pessoas engajadas com os chefs convidados.

As refeições vendidas nos Almoços Abertos, “assinadas” pelos chefs, são produções autorais ou releituras de pratos tradicionais de várias regiões do Brasil, como vatapá, baião de dois, feijoada, entre outros, sempre com opções onívoras e vegetarianas ou veganas. Já as quentinhas doadas são selecionadas e produzidas pelas cozinheiras responsáveis pela cozinha coletiva e em geral são compostas por refeições completas compostas por arroz, feijão, legumes assados e carnes assadas ou cozidas. “Comida que sustenta”, como dizem as cozinheiras.

Desta forma, a comida feita pela Cozinha é produzida e vendida como uma mercadoria de circulação cosmopolita em um espaço de turismo local que atende ao próprio público paulistano (Lemos, 2022). Ao longo do tempo, as refeições transformaram o trabalho relacional militante em trabalho remunerado, tanto para as cozinheiras e auxiliares, como para os outros envolvidos, como seguranças, equipe de logística, limpeza e bar, todas formadas por integrantes do MSTC ou simpatizantes.

Trata-se, portanto, de uma comida feita para ser saboreada, vendida e doada, como um artefato e também uma dádiva de um movimento por moradia que é múltiplo, estruturado e ramificado (Filadelfo, 2008). Tanto a comida que é vendida quanto a que é doada é capaz de tecer relações de *parceria* e *aliança* que geram elos de aproveitamento em uma grande cadeia de comércio, sentidos e significados (Tsing, 2021).

A primeira etapa do trabalho de campo consistiu em acompanhar a pré-produção das refeições, mapear fornecedores e atuar como auxiliar de cozinha. Na segunda etapa, o trabalho consistiu em observar as relações estabelecidas entre chefs e artistas convidados com a equipe da Cozinha durante os Almoços Abertos aos domingos. Por fim, a terceira etapa foi acompanhar a distribuição das quentinhas doadas pelo projeto Lute Como Quem Cuida também aos domingos, nas comunidades parceiras.

Neste artigo, a análise recai sobre os trechos etnográficos da etapa final do trabalho de campo, já na distribuição das quentinhas, uma vez que esta etapa corresponde a etapa do “cuidado” mobilizado pelo MSTC como conceito e parte de suas estratégias de atuação. Os trechos refletem aspectos importantes da atuação do movimento por moradia. Primeiro, porque uma das trechos ocorre no momento da retirada das quentinhas ainda dentro da Ocupação do MSTC e oferece a possibilidade de refletir sobre algumas posições já estabelecidas no campo dos estudos do cuidado como as práticas de “ajudas” (Guimarães, 2020).

Segundo, porque o outro trecho ocorre durante a distribuição das quentinhas do Lute Como Quem Cuida em uma região periférica de São Paulo, a mais de 40 km de distância da Cozinha, junto à uma igreja evangélica local e revelou o distanciamento físico e político do grupo que recebeu e distribuiu as quentinhas do grupo que as produziu. Por esta razão, esta cena será interpretada sob a luz da confluência (Santos, 2015) de técnicas, saberes e interesses neste exercício reflexivo.

A partir das provocações de Santos (2015, 2023), o objetivo deste artigo é refletir sobre as nuances que se apresentam nestas duas formas de se relacionar com as quentinhas doadas nos trechos etnográficos relatados à luz da confluência e da transfluência. Na lógica das “ajudas”, o movimento por moradia reproduz uma lógica de cuidado com um viés normativo e moralizante (Araújo, 2018), que enquadra os sujeitos do cuidado em um binômio colonialista de autonomia-dependência. Nesta lógica, prevalecem as trocas materiais e o pensamento colonialista, demonstrando a capacidade de incorporação das práticas do Estado entre os movimentos por moradia urbana.

Na outra ponta, outras estratégias de compartilhamento (Santos, 2023) aparecem quando um pastor evangélico responsável por receber e distribuir as doações, desconhece a Cozinha e o MSTC, mas relata a contínua adaptação de estratégias para obter e oferecer ajudas diversas para as pessoas de sua comunidade, revelando uma prática do cuidado que transflui, conflui e transflui em interesses complexos.

3. Nos pátios da Cozinha: uma rede de parcerias e alianças que confluem

O primeiro ponto que deve ser analisado é a forma como a Cozinha estabelece suas relações, separando entre relações de “parceria” e de “aliança”. O termo “parceria” é usado de maneira êmica pelos produtores e lideranças do MSTC (e não das cozinheiras)

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

para se referir a coletivos culturais, artistas, editoras, intelectuais, grupos artístico-musicais, escolas de samba e cozinheiros convidados que orbitam em torno do MSTC e que costumam integrar as ações dos Almoços Abertos aos domingos.

Os chefs de cozinha convidados para o Almoço Aberto, não são remunerados pela diária de serviço, mas recebem parte da receita das vendas do dia como retorno. Trata-se de uma relação de “ganha-ganha”, em que os chefs e os parceiros alcançam o público frequentador da Ocupação e atraem novos clientes para si, enquanto a Cozinha subsidia o custo dos ingredientes e da manutenção do espaço, além da remuneração das cozinheiras, auxiliares e equipe de bar, vendas, logística, limpeza e segurança no domingo. Quanto maior a movimentação do dia, maior o número de pratos vendidos e maior a partilha de recursos entre parceiros e equipe da Cozinha e do MSTC.

Neste sentido, a prática muito se assemelha a um compartilhamento ou uma confluência que rende (Santos, 2023). Ao promover o encontro entre aqueles que querem vender e cozinhar para novos públicos e aqueles que querem comprar de pequenos produtores ou grandes chefs, a Cozinha não está trocando dinheiro, objetos ou acessos. Está promovendo encontros de ideias e de mundos. Afinal, “chegamos como habitantes em qualquer ambiente e vamos nos transformando em compartilhantes” (Santos, 2023, s.n.). Desta forma, as relações de parceria permitem também que afetos, fantasias e crenças se multipliquem no espaço da Ocupação.

Já as relações de *aliança* são caracterizadas de outra forma. Mais sólidas e formalizadas, são compostas por fornecedores, demonstrando certo alinhamento político e/ou ideológico explícito e intencional. Os ingredientes para os Almoços Abertos são obtidos via faturamento diretamente no Armazém do Campo, loja do Movimento Sem Teto (MST), Instituto Feira Livre ou Instituto Chão, empórios que além de apresentarem produtos de origem agroecológica, orgânica ou da agricultura familiar e possuem modelos de negócio baseados na economia solidária, por exemplo.

O que orienta a classificação descrita acima é, sobretudo, a natureza das relações, de acordo com os idealizadores da Cozinha. Dudu, como é conhecido, sintetiza dizendo que as parcerias são muitas e são “parcerias de trabalho, com quem se trabalha junto. Já as alianças são políticas, de ideais, de juntar bandeiras”. Assim como os povos quilombolas aprendem a se relacionar com os animais, plantas e outros seres do ambiente em que vivem, adaptando-se e integrando-se ao seu ritmo de vida, o MSTC também

aprendeu a organizar e a confluir com seus pares. Neste sentido, a confluência diz respeito aos saberes conjuntos que podem derivar dos de ambientes e observações semelhantes, mas que não necessariamente se juntam ou se misturam, apenas fluem no mesmo sentido, constroem o mesmo futuro possível.

Também é importante notar que, para além das relações que ocorrem nos Almoços Abertos, aos domingos, entre público, cozinheiras e MSTC, existem outras relações que não necessariamente ocorrem em confluência, como as relações políticas entre representantes do movimento em conselhos municipais e as relações com as comunidades que recebem as doações das quentinhas do Lute Como Quem Cuida ou mesmo as relações entre cozinheiras e MSTC, estas últimas caracterizadas por redes de ajudas, como veremos a seguir.

4. O cuidado: “as ajudas” e arranjos confluentes

Grosso modo, as pesquisas relacionadas ao trabalho do cuidado versam especialmente sobre o trabalho reprodutivo das mulheres (Federici, 2019), destacando-se o cuidado com crianças e idosos (Hirata, 2016; Araújo, 2022) e também os cuidados na área da saúde, como enfermeiras e auxiliares hospitalares (Mol, 2008).

O ofício do trabalho na cozinha também pode aparecer mencionado como uma prática “afetiva” de cuidado, muito ligado à obrigatoriedade moral de cuidar da vida doméstica por parte das mulheres, mas além disso, trabalhar cozinhando também apresenta uma sólida divisão racial. Os estudos etnográficos no Brasil, no entanto, costumam narrar os trabalhos na cozinha a partir da perspectiva institucional, masculina e embranquecedora do trabalho do *chef* de cozinha, seguindo os moldes da gastronomia francesa ou da atual cozinha industrial (Borba, 2015; Dória, 2021; Benemann, 2021).

O ano de 2020 marca, para inúmeros movimentos sociais e para as iniciativas da sociedade civil, um momento de reorganização das estratégias de luta e visibilidade. Restaurantes, serviços e comércios também precisaram reorganizar seu modo de funcionamento, gerando uma crise econômica que agravou a crise sanitária. Neste sentido, como a socióloga Taís Sant’Anna Machado (2020) destaca, é sintomático que um dos primeiros casos confirmados de morte por Covid-19 no Brasil seja de Cleonice

Rodrigues, uma trabalhadora doméstica que foi contaminada pela empregadora que chegava de viagem ao exterior dias antes.

Em meio à campanha de sensibilização para o isolamento social vigente à época, uma trabalhadora doméstica negra morreu por negligência e descaso. A pesquisadora destacou ainda que para que uma parte da população pudesse permanecer isolada e/ou trabalhando remotamente, uma parcela ainda maior de trabalhadores e trabalhadoras se expunha aos riscos de contaminação em deslocamentos urbanos e em serviços considerados essenciais por estados e municípios. Os serviços essenciais eram “atividades cuja interrupção colocam em perigo iminente a sobrevivência, a saúde ou a segurança da população” (Machado, 2020, p.3) e um dos primeiros trabalhos categorizados como serviço essencial foi o trabalho doméstico remunerado.

Esta dependência dos serviços executados majoritariamente por mulheres negras em favor da normalidade da rotina dos empregadores demonstra, para Machado (2020), o funcionamento de uma lógica econômica sacrificial que reduz o valor da vida enquanto cria o hábito da perda, fazendo com que estas mulheres se vejam obrigadas a calcular os riscos entre proteger-se da doença ou arriscar a vida para reduzir o impacto da crise sanitária sobre a renda familiar. Como a autora assinala, “a morte de Cleonice e a definição do trabalho doméstico remunerado como essencial mostram que mulheres negras estão fora do segmento da população que tem sua sobrevivência, saúde e segurança protegidas” (Machado, 2020, p.3).

Esta realidade pôde ser encontrada na Ocupação 9 de Julho do MSTC. De acordo com Dona Carmen Silva, em entrevista coletada virtualmente em setembro de 2020 (Medeiros, 2020), “o primeiro impacto [da Covid-19] foi a fome”. A fome foi sentida entre os moradores da Ocupação primeiro como redução de renda devido à queda dos serviços prestados, mas também observada pelos voluntários das primeiras entregas da iniciativa Lute Como Quem Cuida nas ruas ao redor do edifício, como diversos informantes mencionaram ao longo do trabalho de campo.

É neste cenário que a iniciativa Lute Como Quem Cuida se torna ainda mais germinante. Ao colocar lado a lado verbos como “lutar” e “cuidar”, a iniciativa revelou seu contexto e principal objetivo: promover a manutenção da vida entre aqueles que estão em maior situação de vulnerabilidade social e alimentar durante a crise sanitária.

Alguns aspectos da ação são relevantes para pensar pelas lentes do cuidado como eixo analítico. A primeira é a própria ambivalência social das cozinheiras do movimento que formam a equipe da Cozinha. A equipe, formada por mulheres, mães, negras, aposentadas e/ou trabalhadoras informais que usam sua prática culinária, seja do trabalho doméstico não remunerado ou do histórico profissional na área, passou a produzir as marmitas doadas para aqueles que estão fora da Ocupação e do MSTC. Ao realizar este trabalho de produzir formas de manutenção da vida dos *Outros* da Cozinha e também remunerá-lo, a ação também promoveu uma estratégia de sobrevivência situada no interior do movimento, gerando uma rede de cuidado e de ajudas internas. Neste sentido, o cuidado é mobilizado como prática coordenada e situada, de forma mais abrangente (Mol, 2008).

O verbo “lutar” por si só aparece em um sentido bastante usado na Cozinha e no MSTC, assim como pelos outros movimentos sociais para se referir aos desafios do trabalho militante diário. Se a iniciativa Lute Como Quem Cuida é caracterizada pela produção, doação e distribuição coletiva da comida doada, lutar é o que está no centro da ideia de cuidado, de forma indissociável. A luta, portanto, também é situada na visibilidade e nos trânsitos da comida.

É importante lembrar que o fim da escravidão não representou o acesso a políticas de reparação de nenhuma natureza para as pessoas escravizadas ou seus descendentes. Sendo assim, seus trabalhos continuaram arriscados e degradantes, mal remunerados e sem direitos básicos, como direito ao voto, acesso à educação, assistência de saúde ou jurídica (Machado, 2022).

Neste contexto de desassistência e abandono social por parte do Estado - ou de necropolítica (Mbembe, 2016) - sob a perspectiva de não produzir políticas de reparação social, deixando escapar o objetivo de *deixar morrer* - a população negra continuou buscando formas de sobreviver e alcançar posições sociais mais promissoras para si e para os seus descendentes. Em sua extensa pesquisa sobre o trabalho das cozinheiras negras no Brasil, a Sant’Anna Machado (2022) destaca que, sob estas condições sociais,

A cozinha permaneceu um espaço possível para alcançar esses objetivos, apesar da permanência de condições de trabalho bem próximas do período escravista, com a diferença de que patrões e patroas ofereciam agora uma remuneração miserável. Mesmo com a falta de dados estatísticos detalhados, considerando o

percentual populacional e a continuidade de um cenário de exclusão social e da expropriação econômica que fez com que permanecessem como maioria entre as trabalhadoras domésticas, é possível afirmar: mulheres negras provavelmente continuaram sendo as principais cozinheiras brasileiras do século 20. (Machado, 2022, p. 103).

Assim sendo, o trabalho na cozinha doméstica se transformou em fonte de renda e sobrevivência para as mulheres negras brasileiras, passando pelas feiras e quitandas de rua do século XIX e chegando ao trabalho (mal) remunerado em restaurantes e lanchonetes nos dias atuais. A cozinha, portanto, é um espaço de trabalho e de luta pela produção e manutenção da vida entre as mulheres brasileiras, pobres e negras - além de ser um espaço privilegiado para o trabalho não remunerado camuflado sob a obrigatoriedade do afeto e do cuidado socialmente esperado para as mulheres na sociedade capitalista (Federici, 2019).

A partir deste contexto, “Lute como Quem Cuida” demonstra a escolha de sobreviver à precariedade da crise sanitária de forma coletiva. Foi a capacidade de confluência (Santos, 2015) que permitiu que este grupo atravessasse as ruínas da necropolítica durante a pandemia e elaborasse formas de sobrevivência para si e para os Outros. Neste sentido, é a escolha pelo verbo “cuidar” que chama a atenção.

Nas últimas décadas, a sociologia do cuidado têm demonstrado que a amplitude semântica da palavra “cuidado” em diversos contextos (care em inglês, *soin* ou *aide* em francês, cuidado em português e *cuidad* em espanhol) ilustra bem o léxico de profissões, ocupações e práticas abarcadas pelo conceito. Longe de ser um problema, esta polifonia indica as ricas possibilidades de trabalhar nas interfaces do conceito (Guimarães, 2020).

Uma destas interseções mora na ideia de “circuito de cuidado”, que integra diferentes atores, posições e práticas. Ligado às pesquisas que conectam o tema aos fluxos migratórios internacionais de mulheres, a ideia é herdeira da noção de “circuitos de sobrevivência” que envolve a coexistência de diversas formas de trabalho das mulheres que saem do Sul Global para trabalhar no Norte Global em profissões e ocupações do cuidado e, ao chegarem lá, enviam dinheiro, remédios, roupas, presentes e todo tipo de recursos para outras mulheres em seus locais de origem. As mulheres que ficaram as substituem em seu trabalho doméstico não remunerado, criando “redes difusas que desencadeiam um modo particular de distribuição e circulação do cuidado, do afeto e do suporte financeiro” (Guimarães, 2020, p.97).

Foram estes circuitos que deram origem ao conceito de “cadeias globais de cuidado” e que jogaram luz sobre as relações de troca na vida econômica nos estudos sociológicos do cuidado. É importante recorrer a esta análise porque se a Antropologia relembra que o cuidado é uma prática situada (Mol, 2008), com esta chave analítica das transações econômicas também se torna possível dizer que o cuidado pode ser uma prática econômica interessada. E ela pode ser interessada em um objetivo específico, como aliviar os sintomas de um determinado paciente, agradar o paladar de uma determinada pessoa ou aproximar pessoas, mudando o tom das relações.

Esquemáticamente, o circuito do cuidado se caracteriza pela existência de a) certas modalidades de relação social de cuidado; b) relações caracterizadas por certos significados a ela atribuídos; c) relações as quais correspondem a certas transações econômicas, e, por fim, e) por certas formas de pagamento (Guimarães e Vieira, 2020). Sob esse aspecto, as trocas entre as cozinheiras da equipe da Cozinha com os chefs/cozinheiros convidados podem ser observadas como parte de um circuito do cuidado. Isto porque de fato envolvem relações significativas, que se reúnem para realizar uma atividade econômica, assim como contam com a existência de sistema de contas partilhadas para avaliar as trocas econômicas recíprocas (presente no Caderno de pontos ou no pagamento semanal das atividades) e um sistema de significados partilhados por todos da rede, especialmente ligados pela luta pela moradia digna como o MSTC. À luta e ao trabalho na Cozinha são atribuídos o significado de “ajuda” para que outras pessoas também possam alcançar a casa própria.

À luz do trabalho na Cozinha do MSTC, convém refletir sobre as histórias das pessoas que se encontram e se fazem ali. Mães jovens com trabalhos precários, idosas rejeitadas pelo mercado de trabalho, jovens em início de carreira sujeitos a condições instáveis, senhoras aposentadas que moram sozinhas, pessoas migrantes e imigrantes. Pessoas que, assim como quase todas as pessoas que preparam refeições para si, possuem “modestas, mas suficientes habilidades para cozinhar” (Mol, 2021, p. 24) e que ali se juntam para trabalhar, conviver e lutar.

Existem nestas relações, algo que permeia o desejo e a obrigação do convívio, pela solidão ou pela renda. É tentador pensar nestas relações como uma rede de apoio, no entanto, como Mol (2008) nos convida a pensar, o cuidado quando relacionado à ética, facilmente se torna uma questão de princípios, tradições e ideais próximos à noção de

justiça, como veremos a seguir. Sob este prisma, o cuidado não é um produto fechado e acabado, mas um processo em andamento, onde cada pessoa e cada grupo requer uma demanda específica, uma resposta para cada ação. Afinal, “cuidar é uma questão de ‘doutoramento’: mexer nos corpos, nas tecnologias e nos conhecimentos - e também nas pessoas” (Mol, 2008, p.12, tradução livre).

Outro aspecto importante para pensar o cuidado relacionado à ética e à noção de justiça na Cozinha é a demarcação de fronteiras entre a equipe da Cozinha, os clientes, os chefs e as comunidades - estes são sempre os *Outros*. Como abordado, os circuitos do cuidado, são arranjos que reconfiguram e promovem diferenciação social, inclusive, regulando comportamentos coletivos. O que se produz e o que se está em disputa, são os comportamentos coletivos que respondem aos vínculos pessoais e às expectativas do futuro (Zelizer, 2006).

Um bom exemplo desta negociação e da expectativa de futuro presente nestes circuitos pode ser encontrado na cena do Dia das Mães, no trecho etnográfico I deste artigo, onde a ideia de “ajudas” e “dependência” aparecem. Vejamos o trecho a seguir.

Trecho Etnográfico I - Dia das Mães

Domingo, Dia das Mães. Meu primeiro dia acompanhando a distribuição das marmitas do Lute Como Quem Cuida após dois meses acompanhando o trabalho da Cozinha nos Almoços Abertos de domingo. Ao chegar na sala 3, D⁵, a representante da Associação 1., me pediu ajuda para encontrar uma caixa onde ela pudesse colocar as marmitas extras e levar para o carro. A caixa de isopor que ela tinha levado não seria suficiente e, após a autorização da Dona Dulce, usamos caixas plásticas de hortifruti disponíveis no estoque. Enquanto eu colocava as marmitas na caixa de hortifruti, a representante foi até o carro deixar a primeira caixa e Dona Carmen me chamou a atenção. Eu não deveria estar colocando as marmitas ali. Perguntei se eu deveria trocar de caixa e usar uma de isopor grande que estava no fundo da sala. Ela deu risada e quase brava respondeu:

- Não, eu não vou dar isopor. Isso é responsabilidade dela. Expliquei a situação e Dona Carmen permaneceu com a risada irredutível. Não é essa a questão, continuou. O

⁵ Os nomes dos meus interlocutores, com exceção das pessoas e lideranças ligadas ao MSTC, foram trocados e abreviados a fim de preservar sua identidade e privacidade.

transporte das marmitas deve ser feito em caixas de isopor higienizadas. Mas essa responsabilidade é dos espaços que recebem porque a comida já é nossa responsabilidade. A caixa de isopor é uma segurança para os alimentos e para as pessoas. A gente tem que acostumar as pessoas a não depender mais da gente. Já basta as marmitas!

- Já basta não, a marmita já é bastante, mas as pessoas têm que fazer a parte delas. Ainda mais essa comunidade que já pega as marmitas faz quatro anos!, concluiu. No carro, M. comentou que nunca tinha ido até a Ocupação e quase todos os outros entrevistados também nunca almoçaram na Cozinha ou na Ocupação.

Diante deste trecho, fica evidente que o trabalho de produzir diferenciações e relações significativas dentro do circuito do cuidado (Guimarães, 2020) reorganiza e orienta os movimentos da rede. Essa dinâmica parece produzir um controle sutil da relação, onde as posições de doador e beneficiário são bem demarcadas. Apesar disso, essa posicionalidade não se assemelha à noção de cuidado como prática coordenada e situada (Mol, 2008), embora se configure como uma prática interessada que designa - e é designada - pelo controle coletivo dos comportamentos dos membros do circuito. Cozinhar, comer, doar, retirar a doação e distribuir as doações designam as posições associadas à Cozinha e ao MSTC.

No entanto, como Zelizer (2006) destaca, as relações do circuito são constantemente negociadas, contestadas e remodeladas de acordo com as condições e necessidades do momento e dos atores envolvidos. Os circuitos existentes nas relações pessoais, portanto, possuem propriedades que se amparam no passado (na relação contínua) e no futuro (na confiança de que a ajuda pode ser convertida em “crédito”, a ser resgatado em momento oportuno).

Em países onde a desigualdade de classe é interpelada por marcadores como raça e gênero, como o Brasil, ganham relevância relações que promovem alternativas ao trabalho do cuidado que escapam ao cuidado como profissão (ofertadas pelo Estado ou pelo mercado) ou como obrigação (moral ou social, relacionadas ao gênero).

Neste contexto, o circuito do cuidado se sustenta em relações onde as pessoas não se veem desempenhando um trabalho específico, mas exercendo reciprocidade grupal ou comunitária. A este circuito se dá o nome de “ajudas”. As fronteiras do circuito de cuidado

formado pelas “ajudas” são demarcadas pelas relações familiares e entre as vizinhanças, definem quem pode (ou deve) desempenhar papéis, já que a responsabilidade pelo cuidado é desigualmente distribuída (Guimarães e Vieira, 2020).

O uso do termo “ajudas” é recorrente e indica a prevalência “da dimensão de afeto, zelo e atenção à necessidade de quem demanda o serviço, produto ou informação, em detrimento da ideia de transação econômica” (Guimarães, 2020, p.124). A reciprocidade imediata, portanto, é o que demarca a diferença destas ações com relação às transações comerciais e também às doações de caridade, fazendo com que a dimensão relacional predomine na percepção das naturezas deste circuito de cuidado.

O trecho acima também deixa entrever a noção de “dependência”, importante para refletir a associação moral e ética existente em torno da ideia de “ajudas”. Apesar do ímpeto de promover a independência da associação comunitária com quem já se mantém relações há tantos anos, o que o trecho também revela é a permanência de uma lógica de autonomia-dependência presente na “ética do cuidado” (Tronto, 2009).

Sob esta perspectiva, a interdependência humana é a chave das relações sociais e, quem recebe o cuidado, seja adulto, criança ou pessoas em situação de vulnerabilidade alimentar, não é um sujeito ativo, engajado, autônomo. A centralidade está nos gestos do cuidado e nas formas de verificá-lo, como a atenção às necessidades do outro, a responsabilidade de atender às demandas, a competência ao fazê-lo, relegando ao sujeito do cuidado um papel passivo e responsivo, cuja participação se mede pela qualidade de responder ao cuidado prestado (Araújo, 2018). O outro aparece como alguém que *depende* do cuidado do outro para sobreviver.

De certo que a “ajuda é sempre um *serviço* dos outros, com ou sem intenção” (Tsing, 2021, p. 40), mas ao mobilizar o cuidado de forma a dar centralidade aos atributos morais do cuidador, é a subjetividade do outro que é sequestrada. Logo, o que a lógica da ética do cuidado faz é recriar e reorganizar uma interdependência quase simbiótica e paternalista (Araújo, 2018). Desta forma,

a ética propõe a troca de cuidado entre cidadãos autônomos e aqueles dependentes, invocando uma espécie de “protecionismo paternalista” (BEASLEY; BACCHI, 2007) que no limite, pouco abala a ideia do indivíduo atomista, ao contrário do que afirma Tronto. Assim, a ética do cuidado se debruça predominantemente sobre alternativas para a proteção dos (fisicamente) mais fracos, dependentes e vulneráveis (Araújo, 2018, p.49).

Como Nego Bispo (2023) recorda, “toda política é um instrumento colonialista, porque a política diz respeito à gestão da vida alheia” (ebook, s.p.). Desta forma, o trecho etnográfico 1 demonstra uma certa prática do uso da política como instrumento colonialista, herança das relações com um Estado que atribui a si a gestão da vida, do trabalho e da ação dos outros.

Neste sentido, a própria participação do MSTC em espaços de decisão junto ao Estado desde 2021, atuando em conselhos municipais de habitação, urbanismo e gabinetes de desenvolvimento econômico podem demonstrar certa contaminação com os modos de fazer política do Estado colonial. Mas trechos como este nos fazem pensar na reflexão levantada por Araújo (2018), isto é, “qual o projeto democrático pode ser construído com base na ideia da necessidade” (idem, p.50)?

A partir daí, resta compreender quais as implicações e consequências podem existir desta forma de agir como se outros mundos possíveis já estivessem em andamento (Stengers e Pignarre, 2021). Voltaremos a este tópico após o próximo trecho.

Trecho etnográfico 2: Arranjos e estratégias na Zona Leste

No extremo da Zona Leste de São Paulo, no distrito do Aricanduva, um portãozinho estreito se abre em uma casa simples, com garagem e a casa principal no interior. Quem nos recebe é o Pastor P., um jovem negro e magro que ministra cultos na Assembleia de Deus. Usa chinelos e uma camisa do Corinthians. Me surpreendo quando conta que sua igreja foi notificada por realizar cultos ilegais durante a pandemia.

As quentinhas são colocadas sobre a mesa de sinuca do bar ao lado da casa do pastor. Enquanto algumas crianças, jovens e idosos retiram as quentinhas, A. e Pastor P. me contam que o terreno onde estão pertence à ENEL e que a companhia entrou em disputa judicial pelo território onde vivem cerca de 15 mil pessoas durante a pandemia, em 2020. A situação dos moradores do bairro é bastante precária, sendo comum encontrar famílias que fazem apenas uma refeição completa no dia. As condições pioraram durante a pandemia de Covid-19, fazendo com que a igreja do Pastor P. precisasse se mobilizar ainda mais para conter a fome na região.

Eles me mostram vídeos que registram as ações da igreja na região no período. Doações de cestas básicas, brinquedos, ações com quadra de sabão, realizadas com apoio de grandes empresas, como Coca-Cola e marcas de sabão em pó, mas com a reabertura

social após a campanha de vacinação, as empresas sumiram, as doações diminuíram e os arranjos solidários estão acontecendo como aconteceram neste dia de domingo: aos poucos, entre associações e entidades, dentro do possível. Em cerca de 30 min, todas as quentinhas foram doadas. Mais cedo, o pastor havia separado 2 marmitas para o seu almoço com a esposa, mas quando duas pessoas se aproximaram buscando doações, o pastor ofereceu as suas quentinhas, em silêncio.

Apesar de realizarem as doações de quentinhas da Cozinha há algum tempo, nenhum dos meus interlocutores sabia ao certo se as doações eram fruto de uma parceria com uma ONG ou uma iniciativa própria do MSTC. Embora o pastor soubesse se tratar de um movimento por moradia, pouco sabia sobre a Cozinha ou os Almoços Abertos. Estabeleceu ali uma aliança pontual para garantir o compartilhamento das refeições doadas, visando o objetivo de distribuir comida a quem tem fome no bairro.

A cena recorda um dos pontos centrais do pensamento de Nego Bispo: a importância do pensamento plurista dos povos marginalizados na transformação da organização colonial do mundo através de seus saberes e práticas confluentes. “Para mim, um dos meios necessários para chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências” (Santos, 2015, p.90).

Ao aceitar as parcerias durante a pandemia, o pastor P. e a associação promoveram o compartilhamento dos benefícios daquela relação econômica com as empresas interessadas na imagem positiva das ações culturais naquele contexto de agravada crise social. Com o fim da pandemia, as doações desapareceram, mas juntos, o pastor e a associação confluíram seu saber de produzir alianças com as ações do MSTC.

Para fazer as quentinhas da Cozinha chegarem cada vez mais longe, as divergências sociais, religiosas, culturais e políticas entre o pastor da Assembleia de Deus, a associação comunitária do bairro e o MSTC foram momentaneamente suspensas, em uma relação de convivência e confluência. Elas não se modificaram, se contaminaram ou se horizontalizaram. Elas confluíram em uma mesma direção, isto é, a manutenção da vida em uma extensa rede de ajudas no contexto pós-pandêmico.

Ambos os trechos de distribuição também demonstram a capacidade de transfluência das comunidades parceiras, à medida que os agentes não se misturam ao

MSTC e à Cozinha, mas adaptam sua relação com a entidade aos saberes locais, modulando os discursos e as práticas no momento das doações. Após as doações das quentinhas, as associações e também o MSTC voltam às suas outras formas de atuação.

Ainda que o MSTC seja capaz de capitanear o apoio político destas lideranças comunitárias em eventos como eleições, esta rede de atores também parece ter sido acionada em outros momentos e contextos, como a participação em conselhos municipais gestores e instituições de arte e urbanismo deixa ver. No que diz respeito à doação das quentinhas, o MSTC construiu em torno de si um ecossistema que envolve artistas, produtores culturais, escritores, fotógrafos, cineastas, professores, cozinheiros, empreendedores, auxiliares de serviços gerais, porteiros, aposentados, mães, entidades, igrejas, associações comunitárias e diversas outras pessoas que funciona como uma assembleia (Tsing, 2021).

Uma assembleia, enquanto um “emaranhado aberto de formas de ser”, onde “as trajetórias variadas de vida ganham aderência umas às outras”, e onde a indeterminação permanece sendo essencial para a sua existência (idem, p.100), o que demonstra a magnitude da iniciativa Lute Como Quem Cuida para (re)conhecer a multiplicidade das vozes ali presentes. Como Stengers e Pignarre (2011) argumentam no *Feitiço Capitalista*, a realidade atual do capitalismo não é apenas difícil, é obscena (idem, p.3) e por isso mesmo, a ideia de construir um outro mundo possível, assim mesmo no singular, é adequada. A criação de um outro mundo possível convoca uma temporalidade própria, como se fosse capaz de pausar o relógio e criar um outro “agora”. Ousar habitar este possível que se abre, no tempo suspenso em que se abre, é “agir como se” a construção desse mundo já estivesse em andamento. Encontrando as reflexões de Nego Bispo, confluír nesta direção pode ser, entre outras coisas, uma forma de contracolonizar a estrutura organizativa da vida social e manter vivo o encantamento político com um outro mundo possível agora.

5. Considerações Finais

A partir dos trechos etnográficos revisitados e da breve análise das transformações da Cozinha Ocupação 9 de Julho, este artigo buscou articular ideias de circuitos de ajudas e confluência em torno das ações sociais do grupo. O objetivo central era problematizar as noções moralistas e normatizantes da ideia do cuidado como um trabalho de obrigação

moral feminina, cuja posição de dependência do outro está implícita e deslocar o olhar para as práticas emergentes que derivam destas mesmas ajudas, quando realizadas por um movimento social por moradia, múltiplo e articulado com outros setores sociais.

Longe de esgotar a questão, o artigo buscou revelar que as quentinhas doadas não são a matéria do cuidado em si, mas são mobilizadoras do cuidado como conceito político em disputa. Neste sentido, as experiências emergentes das ajudas demonstram a possibilidade de disputa pelo sentido coletivo do cuidado, construindo formas de promover a manutenção da vida que escapem à dicotomia autonomia-dependência e ao mesmo tempo promovam a multiplicação de saberes sociais e territoriais.

Neste sentido, a coexistência de agentes e formas diversas de produzir trabalho, renda e cuidado nos territórios demonstram que as divergências podem e devem ser levadas a sério não de maneira a colonizar as formas de luta, mas de multiplicar os olhares sobre as formas germinantes de negociar significados e relações nestes espaços.

Na prática, os pontos de confluência podem gerar elos de aproveitamento por meio das ajudas de caráter paternalistas e estas, ainda geram créditos a serem resgatados no futuro. Mas, quando nestes mesmos pontos também ocorrem relações de confluência de saberes e interesses, o cuidado como prática situada e interessada, se torna ele mesmo, mais presente. Os trechos etnográficos demonstram que apesar das divergências políticas e sociais, é a negociação contínua das quentinhas e de seus sentidos compartilhados que possibilitam a emergência de novas práticas diversais. Onde houver cuidado, há diversidade e, portanto, possibilidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aparelhamento: “Não temos governo, estamos à deriva”. RAHE, Nina. Revista Select Art Brasil. São Paulo. 08 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://select.art.br/aparelhamento-nao-temos-governo-estamos-a-deriva/>>
Acesso em 12 de out. 2024

ARAÚJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade: caminhos e desafios para a compreensão do trabalho de cuidado. *in* Revista Mediações, v.23 n.3, Set-Dez. 2018. Dossiê Gênero, Cuidado e Famílias. Londrina. p.43-69. Disponível em:
<<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34245>>

BELLACASA, Maria Puig de la. BÖSCHMEIER, Ana Gretel Echazú. ENGEL, Cintia. GRECO, Lucrecia. FIETZ, Helena. O pensamento disruptivo do cuidado. *Anu. Antropol.* (Brasília) v. 48, n. 1, pp.108-133. (janeiro-abril/2023). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. <https://doi.org/10.4000/aa.10539>

FEDERICI, Silvia. O Ponto Zero da Revolução. Trabalho doméstico, Reprodução e Luta Feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante. 2019. 384p.

FILADELFO, Carlos. A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC). 2008. 201 p. Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. A emergência do cuidado: Nomear, Reconhecer, Obscurecer. O Gênero do Cuidado. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020. pp. 53-90.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. O cuidado e seus circuitos: Significados, Relações, Retribuições. in O Gênero do Cuidado: Desigualdades, significações e identidades. Org. Nadya Araujo Guimarães e Helena Sumiko Hirata. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 91-129 pp.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. VIEIRA, Priscila Pereira Faria. O cuidado e as “Ajudas”. in O Gênero do Cuidado: Desigualdades, significações e identidades. Org. Nadya Araujo Guimarães e Helena Sumiko Hirata. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 161-187 pp.

HARBERS, Hans; MOL, Annemarie; STOLLMEIER, Alice. Food Matters. Arguments for an Ethnography of Daily Care. Theory, Culture and Society. vol 19 (5/6). 2002. pp. 207-226

HIRATA, Helena. O trabalho do cuidado. Comparando Brasil, França e Japão. SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos. SUR 24 - v.13 n.24 • 53 - 64 | 2016

Justiça de São Paulo inocenta Preta Ferreira, Carmen Silva e lideranças por luta por moradia. Redação. Brasil de Fato. 26 de julho de 2025. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/justica/justica-de-sp-inocenta-preta-ferreira-carmen-silva-e-liderancas-da-luta-por-moradia/>> Acesso em 16 de out. 2025

“Onde está a Justiça?”, diz Preta Ferreira, presa sem provas há mais de 70 dias. Lu Sudré. Brasil de Fato. 09 de set. de 2019, São Paulo. Acesso em 18 de jan. de 2024. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2019/09/09/onde-esta-a-justica-deste-pais-diz-preta-ferreira-presa-ha-72-dias-sem-provas>>

LEMONS, Martina Gonçalves. Cozinha Ocupação 9 de Julho: Ressignificação de si e transmutação da realidade a partir de um sonho coletivo. 2022. 104 p. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade de São Paulo. Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo. São Paulo, SP. Acesso em: 04 de abr. de 2023. Disponível em:

<<https://bdta.abcd.usp.br/item/003129389>>

MACHADO, Taís de Sant'Anna. Um pé na Cozinha: um olhar sócio-histórico para o trabalho das cozinheiras negras no Brasil. São Paulo: Fósforo, 2022. 397p.

MACHADO, Taís de Sant'Anna. Trabalho essencial na pandemia: a descartabilidade das vidas de trabalhadoras negras. Boletim n. 07 – A questão étnico-racial em tempos de crise. 14 de out. 2020. ANPOCS. Acesso em 10 de agosto de 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Revista Arte & Ensaios. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32. Rio de Janeiro, dezembro de 2016. p.123-151.

MEDEIROS, Keytyane Verônica da Silva. Lute como quem cuida: solidariedade e segurança

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

alimentar na pandemia. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais). Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes (CELACC-ECA-USP). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Acesso em: 11 de jun. de 2025. Disponível em <
https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/tcc/lute_como_quem_cuida_versaofinal_celacc_keyt_yane_medeiros.pdf>

MOL, Annemarie. The Logic of Care. Health and the problem of patient choice. NYC: Routledge, 2008. 142p.

MOL, Annemarie. Eating in Theory. Durham and London: Duke University Press, 2021. 209p.

PIOTTO, Marcele; SANCHES, Débora; STEVENS, Jeroen. In: III Colóquio Internacional – Imaginário: Construir e Habitar a Terra – ICHT 2019. nº3, 2019, São Paulo. Ocupações e Urbanismos Insurgentes. São Paulo: FAU/USP, 2019. 553 - 568 p.

PIGNARRE, Phillipe. STENGERS, Isabelle. Capitalism Sorcery. Breaking the Spell. 2021. Palgrave MacMillan. Ed. 2007ª. 159p.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI. UnB. 2015. 150p.

SANTOS, Antonio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora/PISEAGRAMA. 2023. 112pp.

SP prende líderes de movimentos de moradia por suspeita de aluguéis ilegais. QUIERATI, Luciana. UOL. São Paulo. 24 de junho de 2019. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/06/24/sp-prende-lideres-de-movimentos-de-moradia-e-suspeita-de-alugueis-ilegais.htm>> Acesso em 16 de out. 2025

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico *in* O efeito etnográfico e outros ensaios. Trad. Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Ubu Editora. 2017a [2014]. p. 311-323.

TSING, Anna L. O cogumelo no fim do mundo. Trad. Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 edições, 2022. 412p. pp.40-49

TRONTO, Joan. Interview on August 4th, 2009. Disponível em: <<https://ethicsofcare.org/joan-tronto/>> Acesso em 26 de janeiro de 2024.

ZELIZER, Viviana. Circuits in economic life, economic sociology. The European Electronic Newsletter. Max Planck Institute for the Study of Societies. 2006. Cologne, Vol. 8, Iss. 1, pp. 30- 35. ISSN 1871-3351